

Arcanos Celestes

*Que foram revelados na Escritura Santa ou Palavra do Senhor, a saber,
que estão no Gênesis e no Êxodo juntamente com as maravilhas que foram vistas
no Mundo dos Espíritos e no Céu dos Anjos*

Por um servo do Senhor

Emanuel Swedenborg)

Tradução da Editio Tertia, Londini, 1949

pelo

Rev. Cristóvão R. Nobre

Sociedade Religiosa "A NOVA JERUSALÉM"

Rua das Graças, 45 - Fátima

CEP 20.240.030 - Rio de Janeiro, RJ

1999

Nota do Editor

Caro Leitor,

Esta é uma obra singularíssima: os *Arcanos Celestes*, do latim é *Arcana Coelestia*, que foram revelados na *Escritura Santa ou Palavra do Senhor, a saber, que estão no Gênesis e no Êxodo, juntamente com as maravilhas que foram vistas no mundo dos espíritos e no céu dos anjos*. Seu autor, Emanuel Swedenborg, sob o pseudônimo de "um servo do Senhor", publicou-a entre os anos de 1749 e 1756, em Londres, em oito volumes num formato grande. Uma reimpressão da obra, revisada pelo Dr. Immanuel Tafel, foi feita em Tübingen, entre 1833 e 1842. E a terceira edição latina, tomada como base desta tradução, foi feita em 1949, em Londres, pela Swedenborg Society. Já teve várias edições em inglês, e também foi publicada em francês, sueco e dinamarquês.

Este primeiro volume em português vai até o capítulo 6 de *Gênesis* e aparece agora, exatamente 250 anos depois que o primeiro volume em latim foi impresso na Inglaterra.

O primeiro esforço para traduzir os *Arcanos Celestes* para o nosso idioma foi empreendido por volta de 1920 pelo Sr. Levindo Castro de La Fayette, dirigente da Associação Geral da Nova Jerusalém no Brasil. Os manuscritos dessa tradução do Sr. La Fayette, bem como os de outras traduções que fez dos demais títulos teológicos do nobre sueco, encontram-se ainda na biblioteca da Sociedade Religiosa "A Nova Jerusalém". Em 1982, o Rev. Andrew J. Heilman deu início à tarefa de atualizar a ortografia da tradução do Sr. La Fayette e também fazer umas poucas e necessárias revisões, a fim de aproximá-la mais do texto original latino. Em 1984, essa incumbência passou ao atual editor. Este, depois de trabalhar alguns anos nessa tarefa, convenceu-se, porém, de que seria mais apropriado abandonar a obra do Sr. La Fayette e iniciar uma tradução nova. Isto se devia a várias razões, sendo a principal delas o fato de a tradução do Sr. La Fayette ter ficado tão alterada que não se poderia mais atribuí-la propriamente àquele dedicado tradutor. Outra razão foi a necessidade de se manter maior uniformidade de estilo e consistência no emprego dos termos doutrinários. O editor conservou, porém, o mesmo intuito do Sr. La Fayette, a saber, de trazer ao vernáculo um texto com a maior fidelidade possível ao original, ainda que com sacrifício da elegância, notadamente no que se refere às passagens e citações diretas da Bíblia.

Nos seus *Arcanos Celestes*, quando transcrevia os versículos da Bíblia, Emanuel Swedenborg era extremamente cuidadoso, mantendo no latim estrita proximidade com o texto hebraico, inclusive conservando a mesma ordem dos vocábulos, quando possível. Procedia assim ser coerente com o conteúdo e a finalidade de sua obra. Com efeito, nos próprios *Arcanos Celestes* mostra-nos que existe um sentido interno ou espiritual em cada frase, vocábulo e mesmo cada letra da Palavra, especialmente no Antigo Testamento. Esse sentido estava sendo desvendado por ele pela primeira vez, mediante singular inspiração Divina. Por causa desse sentido interno, a forma de cada uma das expressões, bem como sua posição e seus vocábulos, não eram acidentais mas obedeciam à série de

um relato interior e espiritual. Quando os profetas e antigos escritores escolhiam cada um dos vocábulos que iam escrevendo, a mesma ordem era observada por eles, ainda que inconscientemente, conduzidos pela Providência Divina. Portanto, a forma das Escrituras Santas, especialmente na sua parte hebraica, não era fortuita nem decorria de usos de linguagem da época. Antes, destinava-se a expressar e seguir uma história interna ali oculta, numa única e sublime mensagem, desde o *Gênesis* até o *Apocalipse*. Aliás, é a existência desse sentido espiritual que faz a Palavra ser santa, Divina e inspirada em todas e cada uma das coisas.

Consciente disso, pois, e em absoluta coerência com essa revelação, Swedenborg não podia se prender à tradução da Bíblia que usava intensamente em seus estudos, a versão de Schimidius, mas teve de fazer nova tradução do hebraico e do grego, com o fim de preservar a ordem da série do sentido interno. Às vezes, foi necessário mesmo transliterar vocábulos, fazendo-os diferentes de como estavam nas traduções correntes, por causa do significado espiritual das letras e, em alguns casos, por causa dos sons mesmos, já que, no original, os próprios sons correspondem a afeições e pensamentos específicos. É em decorrência disso que expressões aparentemente estranhas e termos ambíguos aparecem no seu texto, mas foram eliminados, por exemplo, na *King James* e em *João Ferreira de Almeida*, pois imaginou-se tratar-se de hebraísmos. Mesmo no latim, quando Swedenborg traduziu muitas dessas expressões, elas continuaram estranhas ou com semelhantes ambigüidades. Várias dessas expressões foram explicadas detalhadamente em seu sentido interno e, então, tornaram-se claras e perfeitamente lógicas. Só o sentido interno revelaria sua razão de ser.

Alguns exemplos dessas passagens podem ser citados aqui, como as expressões "morrendo morrerás", "comendo comerás", nas falas dos personagens do jardim do Éden. Também é peculiar a ordem inversa dos números dos anos de idade das pessoas citadas na genealogia de *Gênesis* cap. 5, em que a unidade vem primeiro, depois a dezena e por fim a centena, como a respeito de Methushelah (Matusalém), que viveu "nove anos, sessenta anos e novecentos anos"; aí o hebraico inverte os numerais e, assim, também Swedenborg o faz no latim. O motivo está, certamente, no sentido espiritual ou, talvez, no sentido celeste, mas não nos é explicado e talvez esteja acima de nossa percepção. Entretanto, é suficientemente claro para os anjos, pois que a Palavra foi escrita também para a vida e o deleite deles. Por essa razão, tivemos a preocupação de manter tanto quanto possível no português a mesma ordem das palavras que está no hebraico e no latim.

A necessidade do uso consistente dos termos deve-se ao fato de que, na Palavra, nenhum vocábulo é tomado no lugar de outro. Foi tarefa difícil em razão da abundância de termos empregados no latim ter de cair inevitavelmente em poucas alternativas em nossa língua.

Quanto à questão dos nomes próprios, na maioria dos casos foi dada preferência a formas mais próximas dos nomes originais, preterindo-se formas já consagradas na língua portuguesa, como nos exemplos: "Adam" em vez de Adão, "Abraham" em vez de Abraão, "Nebuchadenezzar" em vez de Nabucodonosor, "Reuben" em vez de Rúbens. A razão se prende não só ao significado espiritual mas também à utilidade de se poder ver alguma coisa desse sentido já na própria formação da palavra. Por exemplo: "Reuben" (em vez de Rúbens) vem diretamente da expressão "re u ben" proferida por Léia, que quer dizer: "Vê, um filho!", significando entender (ver) a verdade (filho). Além disso, ficamos sabendo que, no hebraico, os próprios sons dos nomes são correspondenciais, e as alterações adotadas permitem a pronúncia mais correta.

Eis algumas das razões pelas quais o texto bíblico de *Gênesis* nesta obra diferirá dos de *João Ferreira de Almeida* e *Antônio Pereira de Figueiredo*. Aqui, o leitor encontrará um texto que talvez lhe pareça rude ou demasiadamente simples. Mas assim é a letra da Palavra na língua original. Por isso que ela foi representada por João Batista, homem áspero, que se vestia de peles de camelo, tinha um discurso contundente e franco, alimentava-se de gafanhoto mas também de mel silvestre; e o que ele falava nem sempre era o que a humanidade queria ouvir mas o que precisava saber para sua salvação.

Eis porque a tradução de um livro teológico de Swedenborg não pode ser considerada como a tradução de um obra de literatura comum, visto que se trata de um texto doutrinal divinamente inspirado. E, nas passagens em que Swedenborg cita diretamente a Palavra, trata-se de um texto pleno de toda a santidade, ao qual não se pode acrescentar nem tirar coisa alguma, mesmo quanto à menor partícula.

O Editor reconhece e agradece a inestimável colaboração que recebeu de Raymundo Castro de Araujo Filho que, auxiliado por sua esposa, Eloah, sugeriu modificações importantes no latim. Agradece também a amabilidade de Lygia Dalcin, pela revisão do português, e de Patrícia Santoro, que conferiu o texto final e as referências bíblicas. Todavia, toda a responsabilidade quanto à forma definitiva desta obra deve ser atribuída ao próprio Editor.

Finalmente, por adotar e seguir os mesmos princípios de tradução que o Sr. Levindo Castro de La Fayette, o Editor transcreve aqui o texto com que o Sr. Levindo prefaciou suas traduções:

"Aviso

"Para que os leitores não estranhem a ordem das palavras que devo seguir na tradução de todos os Escritos de Swedenborg, em que são citadas as passagens das Sagradas Escrituras, cumpre-me dizer as razões que me levaram a proceder assim.

"Em seu tratado sobre o Juízo Final, diz Swedenborg: *"Posso afirmar que, no Apocalipse, tudo, até a menor palavra, encerra em si um sentido espiritual, e neste sentido todas as coisas da Igreja quanto ao seu estado espiritual, desde o começo até o fim, foram plenamente descritas; e pelo fato de cada palavra significar um espiritual, daí resulta que nenhuma palavra pode faltar sem que a série das coisas no sentido espiritual sofra uma mudança; é por isso que no fim desse livro se diz: 'se alguém tirar palavras do livro desta profecia, Deus tirará sua parte do livro de vida e da Cidade Santa e das coisas que foram escritas neste livro' (22:19). O mesmo acontece com os livros da Palavra do Antigo Testamento; nesses, também cada coisa e cada palavra contêm um sentido interno ou espiritual, por isso nenhuma palavra pode também ser tirada. Daí vem que, pela Divina Providência do Senhor, esses livros foram conservados intactos até a um iota, desde o tempo em que eles foram escritos, pelo cuidado de muitos homens que contaram até os seus menores sinais; foi isso providenciado pelo Senhor por causa da santidade que aí está encerrada em cada iota, em cada letra, em cada palavra e em cada coisa" - JF 41.* Daí resulta de modo evidente que nenhuma palavra, por mais insignificante que possa parecer, deve ser desprezada.

"Eis ainda o que diz Swedenborg, a respeito da conjunção "E" que se encontra tantas vezes: *"Na língua original, uma série não se distingue de uma outra por sinais de intervalo, como nas outras línguas; mas tudo parece contínuo desde o começo até o fim: as coisas que estão no sentido interno são igualmente contínuas, e dimanam de um estado da coisa a um outro; quando, porém um estado termina, e que sucede um outro que deve ser notado, ele é indicado por 'fui' ou 'factum', e uma mudança de estado menos notável é indicada por 'et'. Eis porque esses vocábulos se deparam tantas vezes na Palavra" (AC 4987).*

"Cumpra também", acrescenta Swedenborg, *"ser muito circunspecto quando se trata de suprir palavras por causa da elucidação do sentido, e não fazê-lo senão quando isso é absolutamente indispensável"*. Basta um exemplo para se provar: Em Lucas, 17:31, se diz daquele que estiver no campo: *'Ne revertatur ad posterum'*; naturalmente se é levado a traduzir assim: Não volte para as coisas que estão atrás de si. Contudo, importa não suprir coisa alguma, é o que Swedenborg diz positivamente, e dá a razão desse fato: *"Se em Lucas se diz: 'Não volte para as coisas que estão atrás de si', é porque os anjos celestes não querem nomear coisa alguma que pertença ao Doutrinal; é por esta razão que nada foi nomeado, mas que se diz: 'Para atrás de si' (AC 2454).* Se, por conseguinte, numa tradução em língua vulgar, há: 'Não volte para as coisas que estão atrás de si', embora não haja sido designado coisa alguma nominativamente, a palavra 'coisas' basta para apresentar doutrinais à idéia dos Anjos celestes, porque se trata do campo que significa a doutrina, e desde então esses Anjos ficam perturbados" .

"Eles também ficam perturbados quando se inverte, por exemplo, a ordem das palavras na Oração Dominical, que diz: "Na terra como no Céu", em vez de "como no Céu também na terra" (*sicut in coelo et in terra*); porquanto é inverter também a ordem na série das coisas espirituais que o sentido interno encerra, e por conseguinte lançar confusão nas mentes dos Espíritos e dos Anjos, que estão no sentido interno, quando o homem que pronuncia ou ouve pronunciar a Palavra está no sentido da letra.

"A única objeção que poderia ser feita é que o Senhor, nos Evangelhos, não dá literalmente as passagens que Ele cita. Isto, porém, em vez de ser uma objeção, é, ao contrário, um argumento a mais a favor. Com efeito, se o Senhor, nos Evangelistas, não dá literalmente as passagens que Ele

cita, é porque tudo o que Ele pronunciava era o Verbo, e, por conseguinte, envolvia um sentido interno e, assim, a Sua citação, prendendo-se ao que precedia e ao que seguia, isto é, ao que Ele tinha dito e ao que Ele ia dizer, devia ser apropriada a isso, para formar no sentido interno uma série que não era a mesma que a de que fazia parte no Antigo Testamento a passagem citada. É, pois, um argumento a mais a favor da importância da série no sentido interno, série que nunca deve ser alterada; por isso, para conservá-la intacta, o Senhor prefere não citar exatamente. Acresce que, em *Mateus 27:9 e 10*, a passagem citada é atribuída a Jeremias, embora ela esteja em Zacarias e não em Jeremias. Não há aí erro de copista como poderiam crê-lo, porque tal erro teria sido corrigido e não o teriam deixado subsistir; mas essa mudança de nome foi feita com intenção para a série do sentido interno, porque, segundo a correspondência, o nome de Jeremias convinha ao assunto então tratado nesse sentido.

"Em referência à construção gramatical e aos hebraísmos, se, como diz Le Bois des Guays, Seb. Schmidt e os bons tradutores da Bíblia os mantiveram fielmente em suas versões latinas, eles que não tinham conhecimento algum das maravilhas do sentido interno, como poderíamos hoje, em um só instante, nos mostrar menos escrupulosos que esses fiéis tradutores, quando agora essas maravilhas nos foram, pela Divina Misericórdia do Senhor, desvendadas nos escritos de Swedenborg?"

Rev. C. R. Nobre

Maio de 1999

Esquema da Obra, pelo Autor

Os Arcanos Celestes, que foram revelados na Escritura Santa ou Palavra do Senhor, estão contidos na explicação que é o sentido Interno da Palavra; sobre a natureza deste sentido, vide as coisas que a respeito dela foram mostradas pela experiência, n.º 1767-1777; n.ºs 1869-1879; e, além disso, no contexto, n.ºs 1-5, 64-66, 167, 605, 920, 937, 1143, 1224, 1404, 1405, 1408, 1409, 1502 no fim, 1540, 1659, 1756, 1783, 1807. As Maravilhas vistas no Mundo dos Espíritos e no céu dos anjos foram postas antes e depois de cada um dos capítulos nesta primeira parte.

- i. Da ressurreição do homem dentre os mortos e sua entrada na vida eterna, n.ºs 168 -181.
- ii. Da entrada do ressuscitado na vida eterna, n.ºs 182 -189.
- iii. Continuação da entrada do homem na vida eterna, n.ºs 314 - 319.
- iv. A natureza da vida da alma ou espírito ali, n.ºs 320 - 323.
- v. Alguns exemplos do que espíritos tinham pensado na vida do corpo sobre a alma ou espírito, n.ºs 443 - 448.
- vi. Do céu e da alegria celeste, n.ºs 449 - 459.
- vii. Continuação do céu e da alegria celeste, n.ºs 537 - 546.
- viii. Continuação do céu e da alegria celeste, n.ºs 547 - 553.
- ix. Das sociedades que constituem os céus, n.ºs 684 - 691.
- x. Do inferno, n.ºs 692 - 700.
- xi. Dos infernos daqueles que passaram a vida nos ódios, vingança e crueldade, n.ºs 814 - 823.
- xii. Dos infernos daqueles que passaram a vida nos adultérios e lascívia; depois, do inferno dos dolosos e das impostoras, n.ºs 824-831.
- xiii. Dos infernos dos avaros; da Jerusalém impura e dos ladrões no deserto; depois, dos infernos excrementícios daqueles que viveram em meras volúpias, n.ºs 938 - 946.
- xiv. De outros infernos, que foram distintos dos anteriores, n.ºs 947 -970.
- xv. Das vastações, n.ºs 1106 -1113.
- xvi. Da Igreja Antiquíssima, que é chamada Homem ou Adam, n.ºs 1114 -1129.
- xvii. Dos antediluvianos que pereceram, n.ºs 1265 -1272.
- xviii. Da situação do Máximo Homem e também do lugar e da distância na outra vida, n.ºs 1273 - 1278.
- xix. Continuação da situação e do lugar, bem como da distância e do tempo na outra vida, n.ºs 1376 - 1382.
- xx. Da percepção dos espíritos e dos anjos e das esferas na outra vida, n.ºs 1383 -1400.
- xxi. Continuação da percepção e das esferas na outra vida, n.ºs 1504 -1520.

xxii. Da luz em que os anjos vivem, nºs 1521 -1534.

xxiii. Continuação da luz em que os anjos vivem, e também de seus lugares paradisíacos e suas habitações, nºs 1619 -1633.

xxiv. Da linguagem dos espíritos e dos anjos, nºs 1634- 1650.

xxv. Continuação da linguagem dos espíritos e de suas diversidades, nºs 1757 -1764.

xxvi. Da Escritura Santa ou Palavra em que estão encerradas coisas Divinas que se manifestam diante dos bons espíritos e anjos, nºs 1767 -1777.

xxvii. Continuação da Escritura Santa ou Palavra, nºs 1869 -1879.

Várias coisas a respeito dos espíritos e anjos em geral, nºs 1880 -1885.

Livro de *Gênesis*

1. Nenhum mortal compreende, pela letra, que a Palavra do Antigo Testamento contém arcanos do céu e todas e cada uma das coisas se referem ao Senhor, ao Seu Céu, à Igreja, à fé e às coisas que são da fé. Pois, pela letra ou sentido literal, ninguém vê outra coisa a não ser aquilo que em geral se refere aos externos da Igreja Judaica, quando, todavia, há em toda parte coisas internas que nunca se manifestam nos externos, além das pouquíssimas que o Senhor revelou e explicou aos apóstolos, como, por exemplo, que os sacrifícios significam o Senhor e a terra de Canaan e Jerusalém significam o céu, pelo que este é chamado "Canaan" , "Jerusalém Celeste" e semelhantemente "Paraíso".

2. Mas o mundo cristão ainda ignora completamente que todas e cada uma das coisas, mesmo as mais singulares, até o menor iota, significam e envolvem coisas espirituais e celestes; por isso, também, pouco cuida do Antigo Testamento. Mas, só pelo fato de que a Palavra é do Senhor e vem do Senhor, eles podem saber que ela não poderia existir se não tivesse em seu interior coisas tais as que são do céu, da Igreja e da fé. De outro modo não pode ser chamada Palavra do Senhor e nem se pode dizer que tem em si alguma vida. Pois de onde vem a vida senão das coisas que são da vida, isto é, senão do fato de todas e cada uma das coisas se referirem ao Senhor, Que é a vida mesma? Por isso, tudo o que interiormente não se referir ao Senhor, não vive; até mesmo um vocábulo, na Palavra: se não envolvê-Lo ou não se referir a seu modo a Ele, não é Divino.

3. Sem uma tal vida, a Palavra é morta quanto à letra. Com efeito, a Palavra é como o homem, que, como se conhece no mundo cristão, é externo e interno. O homem externo separado do interno é o corpo e, assim, é morto; o interno é o que vive e faz o externo viver. O homem interno é a sua alma. Assim a Palavra, que, quanto à letra somente, é como um corpo sem alma.

4. Pelo sentido da letra, só, quando a mente a ele se adere, não se pode ver em parte alguma que esse sentido contém tais coisas; como esta primeira parte de *Gênesis*: pelo sentido da letra não se pode em parte alguma conhecer outra coisa senão que aí se trata da criação do mundo e do jardim do Éden, que é chamado Paraíso, e, depois, de Adam como o primeiro homem criado. Quem pensa outra coisa? Mas que estas coisas contêm arcanos que ainda não foram revelados em parte alguma, pode-se ver muito bem pelo que se segue. Que, por exemplo, o primeiro capítulo de *Gênesis* trata, no sentido interno, da nova criação do homem ou de sua regeneração em geral, e da Igreja Antiquíssima em particular. E, na verdade, é assim: não há o menor vocábulo que não represente, signifique e envolva [algo espiritual].

5. Mas nenhum mortal jamais pode saber que a coisa é assim, a não ser pelo Senhor. Por isso é permitido manifestar de antemão que, pela Divina Misericórdia do Senhor, foi-me concedido estar, agora desde alguns anos, continuamente e sem interrupção, em associação com espíritos e anjos, ouvi-los falar e falar igualmente com eles. Daí foi dado ouvir e ver coisas surpreendentes que há na outra vida, que nunca vieram ao conhecimento ou à idéia de homem algum. Lá, fui instruído sobre espíritos de diversos gêneros; sobre o estado das almas após a morte, sobre o inferno ou o estado lamentável dos infiéis; sobre o céu ou o estado felicíssimo dos fiéis; e, principalmente, sobre a doutrina da fé que é reconhecida no céu universal. Pela Divina Misericórdia do Senhor, muitas coisas sobre estes assuntos serão ditas na seqüência.

Capítulo Primeiro

1. No princípio criou Deus o céu e a terra.

2. *E a terra era vácuca e vazia, e [havia] escuridão sobre as faces do abismo; e o Espírito de Deus Se movia sobre as faces das águas.*
3. *E disse Deus: Haja luz; e foi feita a luz.*
4. *E viu Deus a luz, que [era] boa; e separou Deus entre a luz e entre as trevas.*
5. *E chamou Deus à luz, dia; e às trevas chamou noite. E houve tarde, e houve manhã, o dia primeiro.*
6. *E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas e haja separação entre as águas para as águas.*
7. *E fez Deus a expansão; e separou entre as águas que [estavam] abaixo da expansão e entre as águas que [estavam] acima da expansão. E, assim, se fez.*
8. *E chamou Deus à expansão, céu. E houve tarde, e houve manhã, o dia segundo.*
9. *E disse Deus: Ajuntem-se as águas abaixo do céu em um único lugar, e apareça o seco. E, assim, se fez.*
10. *E chamou Deus ao seco, terra; e ao ajuntamento das águas chamou mares. E viu Deus que [era] bom.*
11. *E disse Deus: Faça germinar a terra a erva tenra, a erva dando semente, a árvore de fruto dando fruto, segundo a sua espécie, no qual esteja a sua semente, sobre a terra. E, assim, se fez.*
12. *E produziu a terra a erva tenra, a erva dando semente, segundo a sua espécie, e a árvore dando fruto, no qual [estava] a sua semente, segundo a sua espécie. E viu Deus que [era] bom.*
13. *E houve tarde, e houve manhã, o dia terceiro.*
14. *E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para separação entre o dia e entre a noite. E serão para sinais, e para tempos determinados e para dias e anos.*
15. *E serão por luminares na expansão dos céus, para darem luz sobre a terra. E, assim, se fez.*
16. *E fez Deus dois luminares grandes: o luminar grande para dominar no dia, e o luminar menor para dominar na noite, e as estrelas.*
17. *E os pôs Deus na expansão dos céus, para darem luz sobre a terra.*
18. *E para dominar no dia, e na noite, e para separar entre a luz e entre as trevas. E viu Deus que [era] bom.*
19. *E houve tarde, e houve manhã, o dia quarto.*
20. *E disse Deus: Façam as águas produzir abundantemente o réptil, a alma vivente. E a ave voe sobre a terra, sobre as faces da expansão dos céus.*
21. *E criou Deus as baleias grandes e toda alma vivente que rasteja, que as águas produziram abundantemente, segundo a sua espécie. E toda ave de asas, segundo a sua espécie. E viu Deus que [era] bom.*
22. *E os abençoou Deus, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e a ave será multiplicada na terra.*
23. *E houve tarde, e houve manhã, o dia quinto.*
24. *E disse Deus: Produza a terra alma vivente segundo a sua espécie; a besta e o que se move; e a fera desta terra segundo a sua espécie. E, assim, se fez.*
25. *E fez Deus a fera da terra segundo a sua espécie; e a besta segundo a sua espécie; e todo réptil do humo, segundo a sua espécie. E viu Deus que [era] bom.*
26. *E disse Deus: Façamos o homem à Nossa imagem, segundo a Nossa semelhança. E dominarão sobre os peixes do mar, e sobre a ave dos céus, e sobre a besta, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que rasteja sobre a terra.*
27. *E criou Deus o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.*
28. *E os abençoou Deus; e disse-lhes Deus: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e subjugai-a. E dominai sobre os peixes do mar e sobre a ave dos céus, e sobre todo [ser] vivo que rasteja sobre a terra.*
29. *E disse Deus: Eis, dou-vos toda erva dando semente, que [há] sobre as faces de toda a terra, e toda árvore em que [há] fruto. A árvore que produz semente vos será para comida.*
30. *E a toda fera da terra, e a toda ave dos céus, e a tudo o que rasteja sobre a terra, em que [há] alma vivente, [dou] todo verde da erva, para alimento. E, assim, se fez.*
31. *E viu Deus tudo o que fez, e eis, [era] muito bom. E houve tarde, e houve manhã, o dia sexto.*

Conteúdo

6. Os seis "dias" ou tempos, que são os tantos estados sucessivos da regeneração do homem, são, quanto ao gênero, assim:

7. O primeiro estado é o que precede, tanto o que vem desde a infância quanto o que está mais perto da regeneração, e é chamado "vácuo, vazio e escuridão". E o primeiro movimento, que é a misericórdia do Senhor, é o "Espírito de Deus Se movendo sobre as faces das águas".

8. O segundo estado existe quando se faz distinção entre as coisas que são do Senhor e as que são próprias do homem. As que são do Senhor são chamadas, na Palavra, "reliquias" e aqui são principalmente as cognições da fé que o homem apreendeu desde a infância; ficam encerradas e não se manifestam antes que o homem chegue a esse estado, o qual raramente existe hoje sem tentação, infortúnio e tristeza, que fazem que as coisas do corpo e do mundo - assim, as que são do próprio - repousem e morram, por assim dizer. Assim as coisas que são do homem externo são separadas das que são do interno. No interno estão as relíquias, encerradas pelo Senhor para esse tempo e esse uso.

9. O terceiro estado é o da penitência, no qual o homem, pelo interno, fala piedosa e devotamente e produz bens, como as obras de caridade, que, entretanto, são inanimadas, pois pensa fazê-las de si. São chamadas "erva tenra", depois "erva de semente" e, em seguida, "árvore de fruto".

10. O quarto estado é quando o homem é tocado pelo amor e iluminado pela fé. Decerto, anteriormente falou piedosamente e produziu bens, mas por um estado de tentação e de angústia e não pela fé e caridade; por esta razão, a fé e a caridade são agora acesas no homem interno, e são chamadas "dois luminares".

11. O quinto estado existe quando ele fala pela fé e, daí, se confirma no vero e no bem. As coisas que então produz são animadas e se chamam "peixes do mar e aves dos céus".

12. O sexto estado existe quando, pela fé e daí pelo amor, ele fala os veros e faz os bens. As coisas que então produz são chamadas "alma vivente e besta". E como então começa a agir ao mesmo tempo pela fé e pelo amor, torna-se homem espiritual, que é chamado "imagem". Sua vida espiritual se deleita e se sustenta com as coisas que são das cognições da fé e as que são das obras de caridade, que se chamam "sua comida". E sua vida natural se deleita e se sustenta com as coisas que são do corpo e dos sentidos, das quais vem o combate, até que o amor reina e o homem se torna celeste.

13. Dos que estão sendo regenerados, nem todos chegam a este estado, mas alguns, e hoje a maioria, chegam somente ao primeiro; alguns apenas ao segundo; alguns ao terceiro, quarto, quinto; raramente ao sexto e quase ninguém ao sétimo.

Sentido Interno

14. Na seqüência, pelo SENHOR entende-se unicamente o Salvador do mundo, Jesus Cristo, e é chamado "Senhor" sem outros nomes. Ele é reconhecido e adorado como o Senhor no céu inteiro, porque Ele tem todo o poder nos céus e nas terras; e também mandou, dizendo:

"Vós Me chamais Senhor; bem o dizeis, porque Eu sou" (Jo. 13:13).

E os discípulos, depois da ressurreição, O chamaram Senhor.

15. No céu inteiro não se conhece outro Pai senão o Senhor, porque são Um, como Ele disse:

"Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ... disse Felipe: Mostra-nos o Pai; ... Disse-lhe Jesus: Há tanto tempo estou convosco e não Me conhecestes, Felipe? Quem viu a Mim, viu o Pai; como pois tu dizes, mostra-nos o Pai? Não crês que Eu estou no Pai, e o Pai está em Mim? ... Crede-Me que Eu estou no Pai e o Pai está em Mim" (Jo. 14:6, 8-11).

16. Vers. 1: *"No princípio criou Deus o céu e a terra"*. O "princípio" chama-se o tempo antiqüíssimo; e pelos profetas, em vários lugares, "dias da antigüidade" como também "dias da eternidade". O princípio envolve também o primeiro tempo quando o homem é regenerado, porque então nasce de novo e recebe vida. Daí é que a regeneração mesma é chamada nova criação do homem. "Criar, formar e fazer", em quase toda parte nos profetas, significam, com diferenças, regenerar; como em *Isaías*:

"Todo aquele que é chamado pelo Meu nome, e para a Minha glória o criei, o formei e também o fiz" (43:7).

Por isso o Senhor é chamado Redentor, Formador desde o útero, Feitor e também Criador, como no mesmo profeta:

"Eu JEHOVAH, Santo vosso, o Criador de Israel, Rei vosso" (43:15);

em David (*Salmos*):

"O povo criado louvará JAH" (102:19)

No mesmo:

"Envias o espírito Teu, serão criados, e renovas as faces do humo" (104:30).

Que o "céu" signifique o homem interno, e a "terra" o homem externo antes da regeneração, será visto pelo que se segue.

17. Vers. 2: *"E a terra era vácuca e vazia, e [havia] escuridão sobre as faces do abismo; e o Espírito de Deus Se movia sobre as faces das águas".* O homem, antes da regeneração, é chamado "terra vácuca e vazia" e também "humo" no qual nada é semeado de bem e vero. O "vácuo" é onde nada há de bem e o "vazio" é onde nada há de verdade. Daí vem a escuridão ou a demência e a ignorância a respeito de todas as coisas que são da fé no Senhor, por conseguinte, de todas as que são da vida espiritual e celeste. Tal homem é descrito pelo Senhor em *Jeremias*:

"Tolo é o Meu povo; [eles] não Me conheceram. São filhos estultos e não inteligentes. Sábios para fazer o mal e não sabem fazer o bem. Vi a terra, e eis, vácuca e vazia; e os céus, e não tinham sua luz" (4:22,23).

18. "As faces do abismo" são as suas cobiças e daí as falsidades pelas quais e nas quais está inteiramente. E como não possui luz alguma, é como o abismo ou uma coisa confusa e obscura, chamada, em muitos lugares na Palavra, profundezas do mar e abismos, que são secos ou devastados antes de o homem ser regenerado; como em *Isaías*:

"Desperta como nos dias da antigüidade, nas gerações das eternidades... Não és Tu que secas o mar, as águas do abismo grande, e fazes das profundezas do mar um caminho, para que passem os redimidos? ... Os redimidos de JEHOVAH voltarão" (51:9-11).

Tal homem também, quando examinado do céu, mostra-se semelhante a uma massa negra que nada tem de vital. As mesmas expressões envolvem em geral a vastação do homem, que é referida em muitas passagens nos profetas e que precede a regeneração. Porque antes que o homem possa saber o que é o vero e ser tocado pelo bem, as coisas que impedem e se opõem devem ser removidas. Assim, o velho homem deve morrer antes que o novo possa ser concebido.

19. Pelo "Espírito de Deus" se entende a misericórdia do Senhor, da qual se diz "chocar", como de ordinário a galinha o faz sobre os ovos; aqui, sobre as coisas que o Senhor esconde no homem e que são chamadas "reliquias" em vários lugares na Palavra. São as cognições do vero e do bem, que nunca vêm à luz antes que as coisas externas sejam devastadas. Aqui, essas cognições são chamadas "faces das águas".

20. Vers. 3: *"E disse Deus: Haja luz; e foi feita a luz".* O primeiro estado existe quando o homem começa a saber que o bem e o vero são em alguma coisa superiores. Os homens inteiramente externos nem mesmo sabem o que é o bem e o vero, pois pensam ser boas todas as coisas que são do amor de si e do amor do mundo, e pensam ser veros todas as que favorecem a esses amores; assim, não sabem que esses bens são males e esses veros são falsidades. Quando, todavia, é concebido de novo, o homem começa a saber pela primeira vez que os seus bens não são bens. E quando entra ainda mais na luz, começa a saber que o Senhor é, e que o Senhor é o bem e o vero mesmos. Que se deva saber que o Senhor é, Ele mesmo o disse em *João*:

"Se não crederdes que Eu sou, morrereis em vossos pecados" (8:24).

Além disso, que o Senhor seja o bem mesmo, ou a vida, e o vero mesmo, ou a luz, e, assim, que não exista bem e vero senão pelo Senhor, também é dito em *João*:

"No princípio era o Verbo [Palavra], e o Verbo estava em Deus, e Deus era o Verbo... todas as coisas foram feitas por ele e sem ele nada foi feito do que se fez; nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens, mas a luz aparece nas trevas; ... Ele era a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem ao mundo" (1:1,3, 4,9).

21. Vers. 4 e 5: *"E viu Deus a luz, que [era] boa; e separou Deus entre a luz e entre as trevas. E chamou Deus à luz, dia; e às trevas chamou noite".* A "luz" é dita boa porque vem do Senhor, que é o bem mesmo. As "trevas" são as coisas que existem antes de o homem ser concebido e nascer de

novo. Pareciam-se com a luz, porque o mal parecia o bem, e o falso parecia o vero; mas são trevas e são os próprios do homem, que permanecem. Todas as coisas que são do Senhor são comparadas ao "dia", porque são da luz; e todas as que são próprias do homem são comparadas à "noite", porque são da escuridão. Assim é dito muitas vezes na Palavra.

22. Vers. 5: "*E houve tarde, e houve manhã, o dia primeiro*". Daí já se pode saber o que é a "tarde" e o que é a "manhã". "Tarde" é todo estado precedente, porque é de sombra ou de falsidade e ausência da fé. "Manhã" é todo estado seguinte ou de verdade e das cognições da fé. A "tarde" significa em geral todas as coisas que são próprias do homem; mas a "manhã" significa todas as que são do Senhor, como se vê pelo que foi dito por David:

"O Espírito de JEHOVAH falou em mim, e o Seu discurso esteve sobre a minha língua. Disse o Deus de Israel, a mim falou a Pedra de Israel. ...Ele é como a luz da manhã quando nasce o sol, manhã sem nuvens, quando, pelo esplendor, pela chuva, a erva tenra sai da terra" (II Sam. 23: 2,3,4).

Pois que a "tarde" é quando não há fé, e a "manhã" quando há fé, o Advento do Senhor ao mundo foi chamado "manhã", e o tempo em que Ele vem, porque então não há fé alguma, é chamado "tarde", como em *Daniel*:

"O Santo me disse: Até a tarde, quando se faz a manhã, dois mil e trezentos" (8:14,26).

Semelhantemente, a "manhã" na Palavra é compreendida como todo advento do Senhor; assim, é um vocábulo que se refere à nova criação.

23. Nada há de mais comum na Palavra do que o "dia" ser entendido como o tempo mesmo, como em *Isaías*:

"Próximo está o dia de JEHOVAH... Eis, o dia de JEHOVAH vem... O céu moverei, e tremerá a terra de seu lugar... no dia do ardor de Minha ira ... Próximo a vir está o Seu tempo, e os dias não serão alongados" (13:6,9,13, 22).

E, no mesmo profeta:

"Nos dias da antigüidade a antigüidade sua ... E sucederá naquele dia que Tiro será posta em esquecimento por setenta anos, como os dias de um rei" (23:7,15).

Como o "dia" está em lugar do tempo, também é tomado pelo estado desse tempo, como em *Jeremias*:

"Ai de nós, porque o dia declinou, porque se estenderam as sombras da tarde" (6:4);

e no mesmo profeta:

"Se fizerdes vã a Minha aliança do dia e a Minha aliança da noite, de modo que não haja o dia e a noite em seu tempo" (23:20,25);

depois:

"Renova os nossos dias, como os dos antigos" (Lam. 5:21).

24. Vers. 6: "*E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas e haja separação entre as águas para as águas*". Depois que o Espírito de Deus ou a misericórdia do Senhor produziu no dia as cognições do vero e do bem e deu a primeira luz que o Senhor é, e que o Senhor é o bem mesmo e o vero mesmo, e que não existe bem e vero senão pelo Senhor, então distingue entre o homem interno e externo, assim, entre as cognições que estão no homem interno e os conhecimentos que são do homem externo. O homem interno é chamado "expansão"; as cognições que estão no homem interno são chamadas "águas acima da expansão"; e os conhecimentos do homem externo são chamados "águas debaixo da expansão". O homem, antes de ser regenerado, nem mesmo sabe que existe o homem interno, ainda menos o que é o interno; pensa que não são distintos, porque está imerso nas coisas corporais e mundanas. Também imergiu nestas as coisas que são do homem interno e, de coisas distintas, fez uma unidade confusa e obscura. Por esta razão, primeiro se diz "haja uma expansão no meio das águas", depois, "haja separação para as águas entre as águas", mas não "separação das águas entre as águas". Logo depois é dito assim (Vers. 7,8): "*E fez Deus a expansão, e separou entre as águas que estavam debaixo da expansão e entre as águas que estavam acima da expansão; e, assim, se fez. E chamou Deus à expansão céu*".

[2] A segunda coisa, pois, que o homem observa, quando é regenerado, é que começa a saber que existe um homem interno, ou que as coisas que estão no homem interno são bens e verdades, que são do Senhor, só. O homem externo, quando está sendo regenerado, é tal que sempre pensa que os bens que pratica, os pratica por si mesmo, e os veros que diz, por si os diz. E como é tal, ele é por

esse modo conduzido pelo Senhor a praticar o bem e a falar o vero como se por si próprio. Por isso precede a separação das coisas que estão abaixo da expansão, e segue a das que estão acima da expansão. É também um arcano celeste que o homem, por meio dos próprios - tanto pelos enganos dos sentidos quanto pelas cobiças - seja conduzido e direcionado pelo Senhor para as coisas que são verdadeiras e boas, e, assim, que todos e cada um dos momentos da regeneração procedam da tarde para a manhã, como do homem externo para o interno, ou da terra para o céu. Por isso, agora a expansão ou homem interno é chamada "céu".

25. "Expandir a terra, e estender os céus" é locução habitual nos profetas onde se trata da regeneração do homem, como em *Isaías*:

"Assim disse JEHOVAH, Redentor teu e Formador teu desde o útero: Eu, JEHOVAH, que faço todas as coisas, que estendo os céus só, e que expando a terra por Mim mesmo" (44:24);

depois, onde se trata do advento do Senhor, diz-se claramente:

"A cana esmagada não quebrará, e o pavio que fumeja não apagará; em verdade produzirá o juízo;" isto é, Ele não dissipa os enganos nem extingue as cobiças, mas direciona para o vero e o bem; assim segue-se:

"Deus JEHOVAH cria os céus e os estende, expande a terra e as suas produções; dá alma ao povo sobre ela, e espírito aos que nela andam" (42:3-5).

Além do que é mencionado algumas vezes em outros lugares.

26. Vers. 8: *"E houve tarde, e houve manhã, o dia segundo"*. O que é "tarde", o que é "manhã" e o que é "dia", vide acima, no vers. 5.

27. Vers. 9: *"E disse Deus: Ajuntem-se as águas abaixo do céu em um único lugar, e apareça o seco; e, assim, se fez"*. Quando o homem toma conhecimento de que existe o homem interno e externo, e que os veros e bens influem do homem interno desde o Senhor, ou pelo homem interno até o externo, ainda que não pareça ser assim, então as coisas que estão nele, ou seja, as cognições do vero e do bem, são encerradas em sua memória e admitidas entre conhecimentos. Com efeito, tudo o que é insinuado na memória do homem externo, seja natural, seja espiritual ou seja celeste, ali permanece como conhecimento e desde então é elaborado pelo Senhor. Essas cognições são as "águas ajuntadas num único lugar" e chamadas "mares". Mas o homem externo mesmo é chamado "seco" e, logo depois, "terra", conforme as coisas que se seguem.

28. Vers. 10: *"E chamou Deus ao seco, terra; e ao ajuntamento das águas chamou mares. E viu Deus que [era] bom"*. Que as "águas" signifiquem as cognições e os conhecimentos, é coisa muito comum na Palavra; daí é que os "mares" significam o acúmulo de cognições e conhecimentos, como em *Isaías*:

"Cheia será a terra do conhecimento de JEHOVAH, como as águas cobrem o mar" (11:9);

e, no mesmo profeta, onde se trata da falta de cognições e conhecimentos:

"As águas faltarão ao mar; o rio se esgotará e se secará, e as correntes se retirarão" (19:5,6).

Em *Ageu*, onde se trata da Nova Igreja:

"Eu, que abalo os céus e a terra, e o mar e o seco; e abalarei todas as nações, e virão os desejos [venient desiderium] de todas as nações, e encherei esta casa de glória" (2:6,7);

E, sobre o homem que vai ser regenerado, em *Zacarias*:

"Será, aquele, um dia conhecido de JEHOVAH, nem dia nem noite; e sucederá que, para o tempo da tarde haverá luz; e será que nesse dia sairão águas vivas de Jerusalém, uma parte delas para o mar oriental e outra parte delas para o mar posterior" (14:7,8).

Em *David*, onde se descreve o homem vastado que vai ser regenerado e que adorará o Senhor:

"JEHOVAH não despreza os Seus vencidos; louvá-Lo-ão os céus e a terra, os mares e tudo o que neles rasteja" (Sal. 69: 33,34).

Que "terra" signifique receptáculo, vê-se em *Zacarias*:

"JEHOVAH, que estende os céus e que estabelece a terra, e que forma o espírito do homem em seu meio" (12:1).

29. Vers. 11, 12: *"E disse Deus: Faça germinar a terra a erva tenra, a erva dando semente, a árvore de fruto dando fruto, segundo a sua espécie, no qual [esteja] a sua semente, sobre a terra. E, assim, se fez. E produziu a terra a erva tenra, a erva dando semente, segundo a sua espécie, e a árvore dando fruto, no qual [estava] a sua semente, segundo a sua espécie. E viu Deus que [era] bom."*

Quando a terra - ou o homem -- foi assim preparada para que pudesse receber do Senhor as sementes celestes e produzir alguma coisa do bem e do vero, então o Senhor faz primeiro germinar alguma coisa tenra que é chamada "erva tenra"; depois, alguma coisa mais útil que se semeia de novo e é chamada "erva dando semente"; enfim, algum bem que frutifica e é chamado "árvore dando fruto no qual [está] a sua semente", cada um "segundo a sua espécie". A princípio, o homem que está sendo regenerado é tal que pensa que o bem que faz vem de si mesmo, e o vero que diz vem de si mesmo, quando todavia a coisa se passa assim: todo bem e todo vero vêm do Senhor. Por isso, quem pensa que essas coisas vêm de si mesmo não tem ainda a vida da verdadeira fé, que pode todavia receber depois. Com efeito, ainda não pode crer que o bem e o vero vêm do Senhor, porque está no estado de preparação para receber a vida da fé. Este estado é representado aqui pelas coisas inanimadas, e o estado da vida da fé é representado depois pelas coisas animadas.

[2] Que o Senhor seja o Semeador, a "semente" seja a Palavra Mesma e a "terra" seja o homem, Ele Mesmo Se dignou a dizê-lo em *Mateus 13: 19-24; 37-39; Marcos 4:14-21; Lucas 8:11-16*. Também o descreve de modo semelhante:

"O reino de Deus é assim como se um homem lançasse a semente à terra, e dormisse e se levantasse de noite e de dia; e a semente brotasse e crescesse, não sabendo ele como, porque a terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga e em seguida o grão cheio na espiga" (Mc. 4:26-28).

Pelo "reino de Deus" se entende, num sentido abrangente, o céu universal; num sentido menos abrangente, a verdadeira Igreja do Senhor; num sentido particular, todo aquele que está na verdadeira fé ou é regenerado pela vida da fé, pelo que é também chamado "céu", porque no céu está, e "reino de Deus" porque o reino de Deus está nele. É o que o Senhor mesmo ensina em *Lucas: "Jesus, interrogado pelos fariseus: Quando vem o reino de Deus?, respondeu-lhes e disse: O reino de Deus não vem com visível aparência, nem dirão: Ei-lo aqui, ou, Ei-lo ali; porque eis que o reino de Deus está dentro de vós" (17:20,21).*

Este é o terceiro estado sucessivo da regeneração do homem e o seu estado de penitência; procede, semelhantemente, da sombra para a luz, ou da tarde para a manhã; por isso se diz no versículo 13: *"E houve tarde, e houve manhã, o dia terceiro"*.

30. Vers. 14-17: *"E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para separação entre o dia e entre a noite. E serão para sinais, e para tempos determinados, e para dias e anos. E serão por luminares na expansão dos céus, para darem luz sobre a terra. E, assim, se fez. E fez Deus dois luminares grandes: o luminar grande para dominar no dia, e o luminar menor para dominar na noite, e as estrelas. E os pôs Deus na expansão dos céus para darem luz sobre a terra"*. Não se pode compreender bem o que são os "luminares grandes" se não se sabe primeiro qual é a essência da fé e, então, qual é a sua progressão nos que são criados de novo. A essência mesma e a vida da fé é o Senhor, só, pois aquele que não crê no Senhor não pode ter a vida, como Ele mesmo disse em *João: "Quem crê no Filho tem a vida eterna, quem porém não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanecerá sobre ele" (3:36).*

[2] A progressão da fé nos que são criados de novo dá-se assim: primeiro não há neles vida alguma, pois a vida não está no mal e no falso, mas no bem e no vero. Depois eles recebem do Senhor a vida pela fé; primeiro, pela fé da memória, que é a fé do conhecimento; depois, pela fé do entendimento, que é a fé intelectual; finalmente, pela fé do coração, que é a fé do amor ou salvífica. A fé do conhecimento e intelectual foi representada pelas coisas inanimadas desde o vers. 3 até o 13. A fé vivificada pelo amor é representada pelas coisas animadas desde o vers. 20 até o 25. Por isso, agora se trata, aqui, pela primeira vez, do amor e da fé que vem do amor, que são chamados "luminares". O amor é o "luminar grande" que domina de dia, e a fé que vem do amor é o "luminar menor" que domina de noite. E como eles fazem um, se diz deles no singular *sít* [haja], e não *sint* [no plural] luminares.

[3] O amor e a fé no homem interno são como o calor e a luz no externo corpóreo; por isso aqueles são representados por estes. Daí também foi dito que os luminares foram postos na expansão dos céus, ou no homem interno; o luminar grande em sua vontade e o menor em seu entendimento. Mas aparecem na vontade e no entendimento somente como a luz do sol nos objetos. É só a misericórdia do Senhor que, pelo amor, toca a vontade e pela verdade, ou fé, o entendimento.

31. Que os "luminares grandes" signifiquem o amor e a fé, e que também sejam denominados sol, lua e estrelas, vê-se em vários lugares nos profetas, como em *Ezequiel*:

"Cobrirei os céus, quando te tiver apagado, e obscurecerei suas estrelas; o sol cobrirei com uma nuvem e a lua não fará luzir sua luz; todos os luminares de luz nos céus escurecerei sobre ti, e darei trevas sobre a terra" (32:7,8),

onde se trata de Faraó e do Egito, pelos quais se entende na Palavra as coisas dos sentidos e dos conhecimentos; aqui, que tinham extinguido o amor e a fé pelas coisas dos sentidos e dos conhecimentos. Em *Isaías*:

"O dia de JEHOVAH... para pôr a terra em desolação;... pois as estrelas dos céus e as suas constelações não farão luzir sua luz; o sol se escurecerá ao levantar e a lua não fará resplandecer sua luz" (13:9, 10).

Em *Joel*:

"Vem o dia de JEHOVAH, dia de trevas e de escuridão; diante dele treme a terra, os céus são abalados, o sol e a lua enegrecem e as estrelas retiram seu esplendor" (2:2,10).

Em *Isaías*, onde se trata do Advento do Senhor e da iluminação das nações, assim, de uma Igreja nova, e, em particular, de cada um dos que estão nas trevas e recebem a luz e são regenerados:

"Levanta-te, e sê iluminada, porque vem a tua luz. Eis, as trevas cobrem a terra, e a escuridão os povos; e sobre ti se levantará JEHOVAH, e as nações andarão à tua luz, e os reis ao esplendor de teu levantar. JEHOVAH te será por luz de eternidade; não mais se porá o teu sol, nem se recolherá tua lua, porque JEHOVAH te será por luz de eternidade" (60:1-3,19, 20).

Em *David (Salmos)*:

"JEHOVAH faz os céus em inteligência ... expande a terra sobre as águas... faz os grandes luminares ... o sol para dominar no dia ... e a lua e as estrelas para dominarem na noite" (136:5-9).

E no mesmo:

"Glorificai JEHOVAH, sol e lua; glorificai-O, todas as estrelas de luz; glorificai-O, céus dos céus, e vós, águas que estais acima dos céus" (Sal. 148:3,4).

[2] Em todos estes lugares, os luminares significam o amor e a fé. Como os luminares representavam e significavam o amor e a fé no Senhor, ordenou-se na Igreja Judaica que se acendesse um luminar perpétuo desde a tarde até a manhã, pois tudo o que foi ordenado àquela Igreja era representativo do Senhor. Deste luminar se diz assim:

"Manda aos filhos de Israel que recolham o óleo para o luminar, para fazer arder a lâmpada continuamente. Na tenda da congregação, fora do véu que está sobre o testemunho, ali o porão Arão e seus filhos, desde a tarde até a manhã, diante de JEHOVAH" (Êx. 27:20,21).

Que estas coisas signifiquem o amor e a fé que o Senhor acende e faz luzir no homem interno e, por meio do homem interno, no homem externo, será mostrado em seu lugar, pela Divina Misericórdia do Senhor.

32. O amor e a fé são chamados, a princípio, os "luminares grandes"; depois, o amor o "luminar grande" e a fé o "luminar menor"; e se diz do amor que ele "dominará no dia" e, da fé, que ela "dominará na noite". Como estas coisas são arcanos e estão ocultas, sobretudo neste fim dos dias, é permitido, pela Divina Misericórdia do Senhor, revelar como são. Se estão ocultas, sobretudo neste fim dos dias, é porque agora é a consumação do século, e o amor é quase nulo e por conseguinte a fé, como o próprio Senhor predisse nos Evangelistas, nestas palavras:

"O sol se escurecerá, e a lua não dará luz, e as estrelas cairão do céu, e as virtudes do céu serão abaladas" (Mt. 29:25).

Pelo "sol" entende-se aqui o amor que será "escurecido"; pela "lua" a fé que não dá luz; pelas "estrelas", as cognições da fé que caem do céu, as quais são as "virtudes e os poderes dos céus". A Igreja Antiquíssima não reconheceu outra fé senão o amor mesmo. Os anjos celestes também não reconhecem outra fé exceto a que é do amor; o céu universal é do amor, pois nos céus não existe outra vida exceto a vida do amor. Daí vem toda felicidade, que é tanta, que nenhuma coisa dela pode ser descrita nem pode ser compreendida por alguma idéia humana. Os que estão no amor amam o Senhor de coração, mas sabem, dizem e percebem que todo amor, assim toda vida que é do amor, só, e, assim, toda felicidade, vêm unicamente do Senhor, e que, por si próprios, eles não têm

nada do amor, da vida e da felicidade. Que o Senhor seja Aquele de Quem procede todo amor, isso foi também representado pelo "grande luminar", ou o sol, quando Ele foi transfigurado, pois:

"Sua face resplandeceu como o sol e as vestes tornaram-se como a luz" (Mt. 17:2).

Pela "face" são significados os íntimos, e pelas "vestes" as coisas que procedem dos íntimos; assim pelo "sol", o Divino do Senhor ou o Amor, e pela "luz" o Seu Humano ou a sabedoria que procede do amor.

33. Qualquer um pode saber muito bem que não existe jamais a vida sem algum amor, e que não existe jamais a alegria exceto aquela que procede do amor; de fato, tal é o amor, tal é a vida e tal é a alegria. Se removesses os amores, ou, o que é o mesmo, as cobiças - porque elas são do amor - cessaria logo o pensamento e serias como morto. Isto me foi mostrado por experiência viva. Os amores de si e do mundo apresentam certa semelhança com a vida e a alegria, mas porque são inteiramente contrários ao verdadeiro amor, o qual é que se deve amar o Senhor acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, pode-se ver que eles são, não amores, mas ódios. Pois quanto mais alguém ama a si mesmo e ao mundo, mais odeia o próximo e, assim, o Senhor. Por isso, o verdadeiro amor é o amor ao Senhor, a verdadeira vida é a vida do amor que vem do Senhor, e a verdadeira alegria é a alegria desta vida. Só pode haver um único Amor verdadeiro; por conseguinte, só pode haver uma única vida verdadeira, de onde procedem as verdadeiras alegrias e as verdadeiras felicidades, como as dos anjos nos céus.

34. O amor e a fé nunca podem ser separados, porque constituem uma só e mesma coisa. Por isso, no princípio, quando se trata dos luminares, eles são tomados por um só, e se diz: "Haja (sit) luminares na expansão dos céus". É permitido referir coisas admiráveis a este respeito. Os anjos celestes, porque estão pelo Senhor em um tal amor, estão por este amor em todas as cognições da fé, e pelo amor, em uma tal vida e em uma tal luz de inteligência, que dificilmente se poderia descrever. Por sua vez, os espíritos que estão no conhecimento dos doutrinários da fé, sem o amor, estão em uma vida tão fria e em uma luz tão escura, que nem podem aproximar-se da primeira entrada do átrio dos céus sem fugir para trás. Dizem terem de certo modo acreditado no Senhor, mas não viveram como Ele ensinou. O Senhor fala deles assim, em *Mateus*:

"Nem todo aquele que Me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a Minha vontade; muitos Me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, por Teu Nome não profetizamos?" (E as coisas que se seguem) (7:21,22).

[2] Por aí se vê que aqueles que estão no amor também estão na fé e, assim, na vida celeste, mas não os que dizem estar na fé e não estão na vida do amor. A vida da fé sem o amor é como a luz do sol sem o calor, como sucede no inverno, quando nada cresce, mas todas as coisas ficam entorpecidas e mortas. Mas a fé que procede do amor é como a luz do sol no tempo da primavera, quando todas as coisas crescem e florescem, porque é o calor do sol que as produz. Sucede semelhantemente nas coisas espirituais e celestes, que são comumente representadas na Palavra pelas coisas que estão no mundo e sobre a terra. A ausência da fé, e a fé sem o amor, são também comparadas pelo Senhor ao inverno, onde Ele predisse a consumação do século, em *Marcos*:

"Orai para que vossa fuga não se dê no inverno, pois aqueles serão dias de aflição" (13:18,19).

A "fuga" é o último tempo também para todo homem que morre. O "inverno" é a vida sem nenhum amor e os "dias de aflição" são o seu estado miserável na outra vida.

35. Há no homem duas faculdades: a vontade e o entendimento. Quando o entendimento é governado pela vontade, então estas faculdades constituem, ambas, uma mente só, assim uma só vida, pois, então, o que o homem quer e faz, ele também o pensa e a isso se aplica. Mas, quando o entendimento está em desacordo com a vontade, como nos que dizem ter a fé mas vivem de modo diferente, a unidade da mente então está dividida em duas partes: uma quer elevar-se ao céu, a outra tende para o inferno. E, como a vontade faz tudo, o homem inteiro se precipitaria no inferno, se o Senhor não Se compadecesse dele.

36. Os que separaram a fé do amor não sabem o que é a fé. Quando estão na idéia da fé, alguns dentre eles não sabem outra coisa senão que é um mero pensamento; outros, que é um pensamento no Senhor; e poucos, que é a doutrina da fé. Mas a fé é não somente o conhecimento e o reconhecimento de tudo o que a doutrina da fé abrange, mas é, principalmente, a obediência a tudo que esta doutrina ensina. A primeira coisa que ela ensina e a que se deve obedecer é o amor ao

Senhor e o amor ao próximo, e quem não está nesses amores não está na fé. Isso o Senhor ensina assim, em *Marcos*, de um modo tão claro que é impossível duvidar:

"O primeiro de todos os preceitos é: Escuta, Israel, o Senhor nosso Deus é um só Senhor; por isso amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de toda a tua mente, e de todas as tuas forças; é este o primeiro preceito. E o segundo, semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro preceito maior que estes" (12:28-32).

Em *Mateus*, Ele o chama "o primeiro e grande mandamento", e diz que "a lei e os profetas dependem desses mandamentos" (22:34 a 40). A "lei e os profetas" são a doutrina universal da fé e toda a Palavra.

37. É dito que os luminares "serão para sinais e para tempos determinados, e para dias e para anos". Estas palavras contêm mais arcanos do que podem ser ditos no momento, ainda que nenhum apareça no sentido da letra. Por ora, basta dizer que, em relação às coisas espirituais e celestes, há, no universal e nos singulares, sucessões que são comparadas às sucessões nos dias e anos. As sucessões nos dias são: da manhã ao meio-dia, daí à tarde e, pela noite, à manhã. As dos anos são semelhantes: da primavera ao verão, daí ao outono e, pelo inverno, à primavera. São as alternâncias de calor e luz, e também as das frutificações da terra. Com essas alternâncias se comparam as das coisas espirituais e celestes. A vida sem tais alternâncias e diversidades seria uniforme e, por conseguinte, nula. E não seria possível discernir, distinguir e ainda menos perceber o bem e o vero. Essas alternâncias são chamadas "estatutos" na Palavra, como em *Jeremias*:

"Disse JEHOVAH, que dá o sol para luz do dia, e os estatutos da lua e das estrelas para a luz da noite: ... Estes estatutos não se retirarão de diante de Mim" (31: 35,36)

E no mesmo profeta:

"Assim disse JEHOVAH: Se não estabeleci Minha aliança de dia e de noite, os estatutos do céu e da terra..." (33:25)

Mas, pela Divina Misericórdia do Senhor, tratar-se-á destas coisas no capítulo 8, vers. 22, do *Gênesis*.

38. Vers. 18: *"E para dominar no dia, e na noite, e para separar entre a luz e entre as trevas; e viu Deus que era bom"*. Pelo "dia" se entende o bem, pela "noite" o mal; por isso os bens são chamados obras do dia, e os males obras da noite. Pela "luz" se entende o vero e pelas "trevas" o falso, como o Senhor fala:

"Os homens amaram mais as trevas do que a luz... quem pratica a verdade vem para a luz" (Jo. 3:19-21).

Vers. 19: *"E houve tarde, e houve manhã, o dia quarto"*.

39. Vers. 20: *"E disse Deus: Façam as águas produzir abundantemente o réptil, a alma vivente. E a ave voe sobre a terra, sobre as faces da expansão dos céus"*. Depois que os grandes luminares foram acesos e postos no homem interno, e daí o externo recebeu luz, então, o homem começa pela primeira vez a viver. Antes, mal se pode dizer que vivesse, pois o bem que fez, pensou que o fizera por si mesmo; e o vero que falou, que de si mesmo o dissera. E, como o homem é morto em si e nele nada há senão o mal e o falso, por isso, tudo o que ele produz por si mesmo não é vivo, a ponto de não poder por si mesmo fazer o bem que em si é o bem. Que o homem por si mesmo não possa sequer pensar no bem nem querê-lo, e por consequência fazê-lo, a não ser que seja pelo Senhor, qualquer um vê pela doutrina da fé, porque o Senhor diz em *Mateus*:

"Quem semeia a boa semente é o Filho do Homem" (13:37).

O bem não pode vir senão da Fonte mesma, que é única, como também diz:

"Ninguém é bom, exceto um, Deus" (Luc. 18:19).

Contudo, sempre que o Senhor ressuscita o homem à vida ou o regenera, permite a princípio que ele pense assim, pois, então, o homem não pode compreender de outro modo, nem pode de outro modo ser conduzido a crer e daí a perceber que todo bem e todo vero vêm do Senhor, só. Enquanto pensou assim, seus veros e bens foram comparados à "erva tenra", depois à "erva dando semente" e em seguida à "árvore de fruto", coisas são inanimadas. Mas, agora, quando é vivificado pelo amor e pela fé e crê que é o Senhor Quem opera nele todo bem que faz e todo vero que diz, então, é comparado primeiro aos "répteis das águas" e às "aves que voam sobre a terra", e depois às bestas, que são, todas, coisas animadas e chamadas "almas viventes".

40. Pelos "répteis" que as águas produzem são significados os conhecimentos que pertencem ao homem externo. Pelas "aves" em geral, as coisas racionais e também as intelectuais, estas últimas pertencendo ao homem interno. Que "os répteis das águas ou peixes" signifiquem os conhecimentos, vê-se em *Isaías*:

"Vim, e nenhum varão. Por Minha repreensão farei secar o mar, tornarei os rios em deserto. Fétido será o seu peixe, por não haver água, e morrerá de sede. Vestirei os céus de negridão" (50:2,3).

[2] É ainda mais claro em *Ezequiel*, onde o Senhor descreve o novo templo ou uma nova Igreja em geral e o homem da Igreja ou regenerado, pois todo aquele que é regenerado é um templo do Senhor. Assim se diz:

"O Senhor JEHOVAH disse a mim: Estas águas que sairão para o limite em direção ao Oriente... e virão ao mar, no mar conduzidas, e sãs tornar-se-ão as águas.

"E sucederá que toda alma vivente que rastejar por onde quer que venha a água dos rios, viverá. E haverá peixe em quantidade mui grande, porque ali chegarão estas águas. E sararão, e tudo viverá por onde vier o rio.

"E sucederá que estarão de pé sobre ele pescadores desde Engedi até En-Eglaim; estarão com redes estendidas. Seu peixe será segundo a sua espécie, como o peixe do grande mar, em mui grande quantidade" (47:8 a 10).

Os "pescadores desde Engedi até En-Eglaim com redes estendidas" significam aqueles que ensinam as verdades da fé ao homem natural.

[3] Que as "aves" signifiquem as coisas racionais e intelectuais, isto consta nos Profetas, como em *Isaías*:

"...Que chama do oriente o pássaro [volucrum], da terra longínqua o varão do Meu conselho" (46:11).

Em *Jeremias*:

"Vi, e eis, nenhum homem, e todas as aves dos céus fugiram" (4:25).

Em *Ezequiel*:

"Plantarei um rebento de um alto cedro, e ele produzirá ramo e dará fruto, e tornar-se-á um cedro magnífico, e debaixo dele habitarão todas as aves de todas as asas; à sombra de seus ramos habitarão" (17:23).

E em *Oséias*, onde se trata da Nova Igreja ou do regenerado:

"E farei por eles uma aliança, naquele dia, com a fera do campo, e com a ave dos céus, e com tudo o que se move no humo" (2:18).

Que a "fera" não signifique uma fera nem a "ave" uma ave, qualquer um pode ver, porquanto o Senhor firma uma aliança nova com eles.

41. Tudo o que é próprio do homem não tem vida em si e, quando se manifesta à vista, mostra-se duro como um osso e negro. Ao contrário, tudo o que é do Senhor tem vida, é espiritual e celeste em si e, quando se manifesta à vista, mostra-se humano e vivo. E - o que talvez pareça incrível mas é bem verdadeiro - cada palavra, cada idéia e cada uma das mínimas coisas do pensamento de um espírito angélico são vivas. Em seus singularíssimos há uma afeição que procede do Senhor, que é a vida mesma. Por isso, as coisas que vêm do Senhor têm vida em si, porque têm a fé em si, e são significadas aqui pela "alma vivente". Também têm uma espécie de corpo aqui significada por "aquele que se move" ou "que rasteja". Todavia, estas coisas ainda são arcanos para o homem, mas são aqui lembradas só porque aqui se trata da alma vivente e do movente.

42. Vers. 21: *"E criou Deus as baleias grandes e toda alma vivente que rasteja, que as águas fizeram rastejar, segundo a sua espécie; e toda ave de asas, segundo a sua espécie. E viu Deus que [era] bom".* Como foi dito, os "peixes" significam os conhecimentos, agora animados pela fé que vem do Senhor e, assim, vivos. As "baleias" significam as coisas gerais dos conhecimentos, sob os quais e pelos quais existem os particulares. Nada há no universo que não esteja sob algum geral a fim de que exista e subsista. Os cetáceos ou baleias são algumas vezes nomeados nos Profetas e ali significam as coisas gerais dos conhecimentos. Faraó, rei do Egito, por quem é representada a sabedoria ou inteligência humana, isto é, a ciência em geral, é chamado "a grande baleia", como em *Ezequiel*:

"Eis-Me contra ti, Faraó, rei do Egito, grande baleia deitada no meio dos teus rios, que disse: Meu é o rio, eu o fiz para mim" (29:3).

[2] E em outro lugar:

"Levanta uma lamentação sobre Faraó, rei do Egito, e dize-lhe: ...E tu [foste] como uma baleia nos mares, e avançaste em teus rios, e conturbaste as águas com teus pés" (32:2);

por tais coisas são significados aqueles que querem entrar nos mistérios da fé por meio dos conhecimentos, assim por si próprios. Em *Isaías*:

"Naquele dia, JEHOVAH visitará com sua espada dura, e grande, e forte, sobre o Leviatã, a serpente alongada, e sobre o Leviatã, a serpente tortuosa, e matará as baleias que estão no mar" (27:1);

por "matar as baleias no mar" é significado que nem mesmo as coisas gerais eles sabem. Em *Jeremias*:

"Devorou-me, conturbou[-me] Nebuchadnezzar, rei de Babel; tornou-me vaso vazio, engoliu-me como baleia; encheu seu ventre de minhas delícias, lançou-me fora" (51:34),

isto é, ele, assim, trouxe as cognições da fé, que aqui são as "delícias", como a baleia fez com Jonas, onde a "baleia" é tomada pelos que possuem os gerais das cognições da fé como conhecimentos e, assim, agem.

43. Vers. 22: *"E os abençoou Deus, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e a ave será multiplicada na terra".* Tudo o que tem em si a vida procedente do Senhor frutifica e se multiplica imensamente, não tanto durante o tempo em que o homem vive no corpo, mas de um modo admirável na outra vida. "Frutificar", na Palavra, se diz das coisas que são do amor, e "multiplicar" das que são da fé. O fruto, que é do amor, tem a semente pela qual se multiplica tanto. A bênção do Senhor também significa, na Palavra, frutificação e multiplicação, porque estas procedem dela.

Vers. 23: *"E houve tarde, e houve manhã, o dia quinto".*

44. Vers. 24 e 25: *"E disse Deus: Produza a terra alma vivente segundo a sua espécie; a besta e o que se move, e a fera desta terra segundo a sua espécie. E, assim, foi feito. E fez Deus a fera da terra segundo a sua espécie, e a besta segundo a sua espécie, e tudo o que rasteja no humo segundo a sua espécie. E viu Deus que [era] bom".* O homem, como a "terra", nada pode produzir de bem se antes não forem semeadas nele as cognições da fé pelas quais saiba o que deve crer e fazer. Pertence ao entendimento o ouvir a Palavra e à vontade o praticá-la. Ouvir a Palavra e não praticá-la é dizer que se crê e todavia não viver de acordo [com a crença]. Tal indivíduo separa essas duas coisas e divide a mente, e é chamado "insensato" pelo Senhor:

"Todo aquele que ouve as Minhas palavras e as pratica, comparo-o ao varão prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; mas todo aquele que ouve as Minhas palavras e não as pratica, comparo-o ao varão insensato que edificou a sua casa sobre a areia" (Mt. 7:24,26).

Como se mostrou, as coisas que pertencem ao entendimento foram significadas pelos "répteis, que as águas fizeram rastejar, e pela ave sobre a terra e sobre as faces da expansão". As que pertencem à vontade são significadas aqui pela "alma vivente que a terra produz", pela "besta e o que rasteja" e, depois, pela "fera desta terra".

45. Os que viveram nos tempos antiqüíssimos assim designaram as coisas que pertencem ao entendimento e as que pertencem à vontade. Daí é que nos Profetas, e constantemente na Palavra do Antigo Testamento, semelhantes coisas são representadas pelos gêneros de animais. As bestas são de duplo gênero: há as más, porque são nocivas, e há as boas, porque são mansas. As coisas más que estão no homem foram significadas pelas bestas más, como os "ursos, lobos e cães"; as coisas que são boas e agradáveis o foram pelas bestas mansas e também pelos "bezerros, ovelhas e cordeiros". Aqui, como se trata daqueles que devem ser regenerados, as bestas são boas e mansas e significam as afeições. As coisas que são inferiores e tiram mais do corpóreo são chamadas "feras dessa terra" e são as cobiças e volúpias.

46. As "bestas" significam as afeições no homem - as más nos maus e as boas nos bons - o que se pode ver por muitas passagens na Palavra, como em *Ezequiel*:

"Eis, Eu estou convosco, e Me voltarei para vós para serdes lavrados e semeados; e multiplicarei sobre vós o homem e a besta, e serão multiplicados e frutificarão; e vos farei habitar segundo as vossas antigüidades" (36:9-11);

onde se trata da regeneração. Em Joel:

"Não temais, bestas do Meu campo, porque ervosas se tornam as moradas do deserto" (2:22).

Em David:

"Eu, tolo... como besta fui perante Deus" (Sal. 73:22).

Em Jeremias:

"Eis, dias virão, e sementarei a casa de Israel e a casa de Jehudah com semente de homem e semente de besta... e velarei sobre eles para edificar e plantar" (31:27,28);

aí se trata da regeneração.

[2] Que a "fera" signifique coisas semelhantes, vê-se em Oséias:

"Farei por eles uma aliança, naquele dia, com a fera do campo, e com a ave dos céus, e com o réptil da terra" (2:18);

em Jó:

"Da parte da fera da terra nada temerás, pois com as pedras do campo [é] a tua aliança, e a fera do campo te será pacífica" (5:22,23);

em Ezequiel:

"Firmarei convosco uma aliança de paz e farei cessar da terra a fera má, para que habitem no deserto confiantemente" (34: 25);

em Isaías:

"A fera do campo Me honrará, porque dei águas no deserto" (43:20);

em Ezequiel:

"Em seus ramos fizeram ninho todas as aves dos céus, e sob os seus ramos geraram todas as feras do campo, e em sua sombra habitaram todas as grandes nações" (31:6),

tratando-se, assim, da Assíria, pela qual é significado o homem espiritual, que é comparado ao Jardim do Éden. Em David:

"Glorificai JEHOVAH todos os Seus anjos, glorificai-O da terra, ó baleias, árvore frutífera, fera e toda besta, o réptil e a ave de asa" (Sal. 148:2-4, 7-9,10);

aqui, exatamente as mesmas coisas são nomeadas, como as "baleias, a árvore frutífera, a fera, a besta, o réptil e a ave". Nunca se poderia dizer a elas que "glorificassem JEHOVAH" a menos que por elas fossem significadas coisas no homem.

[3] Nos Profetas se distingue muito bem entre "bestas" e "feras da terra" e entre "bestas" e "feras do campo". De tal modo os bens são chamados "bestas" que aqueles que no céu estão mais perto do Senhor são chamados "animais", tanto em Ezequiel como em João:

"Todos os anjos estavam ao redor do trono, e os anciões, e os quatro animais; e caíram perante o trono sobre as suas faces, e adoraram o Cordeiro" (Apoc. 7:2; 19:4).

São chamadas, também, "criaturas" às quais o Evangelho deve ser pregado, porque devem ser criadas de novo:

"Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura" (Mc. 16:15).

47. Estas palavras contêm arcanos da regeneração; isto se pode ver também pelo que foi dito no versículo anterior, que "a terra produziu a alma vivente, a besta e a fera da terra", e no versículo seguinte, em outra ordem, que "Deus fez a fera da terra e depois a besta". Com efeito, primeiro o homem produz como por si próprio, e também depois, até se tornar celeste. E, como a regeneração começa do homem externo e progride para o interno, por isso aqui há outra ordem e os externos precedem.

48. Por aí se pode ver agora o que é o quinto estado, em que o homem fala pela fé que é do entendimento e daí se confirma no vero e no bem; as coisas que ele então produz são animadas e se chamam "peixes do mar" e "aves dos céus". E o que é o sexto estado, quando fala os veros e faz os bens pela fé que é do entendimento e daí pelo amor que é da vontade; as coisas que ele então produz se chamam "alma vivente e besta". E, como agora começa a agir pela fé ao mesmo tempo que pelo entendimento, e também a agir pelo amor, torna-se homem espiritual, que é chamado "imagem", de que agora se tratará.

49. Vers. 26: *"E disse Deus: Façamos o homem à Nossa imagem, segundo à Nossa semelhança. E dominarão sobre os peixes do mar, e sobre a ave dos céus, e sobre a besta, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que rasteja sobre a terra".* Na Igreja Antiquíssima, com cujos membros o Senhor

falava face a face, Ele lhes aparecia como Homem. Muitas coisas podem ser referidas sobre isto, mas ainda não é o momento. Daí, a ninguém chamavam "homem" exceto a Ele e às coisas que a Ele pertencessem. Nem a si próprios chamavam "homem", mas somente às coisas que percebiam ter tido pelo Senhor, como todo bem do amor e todo vero da fé, coisas estas que diziam ser "do homem" por serem do Senhor.

[2] Daí é que, nos Profetas, pelo "Homem" e pelo "Filho do Homem" se entende, no sentido supremo, o Senhor, e no sentido interno a sabedoria e a inteligência, e daí todo aquele que é regenerado, como em *Jeremias*:

"Vi a terra, e eis, vácuca e vazia; e os céus, e, eis, não havia a sua luz... vi, e eis, nenhum homem; e todas as aves dos céus fugiram" (4:23,25).

Em *Isaías*, onde pelo "homem", no sentido interno, se entende o regenerado, e, no sentido supremo, o Senhor mesmo, como Um só:

"Assim disse JEHOVAH, o Santo de Israel e Formador seu: Eu fiz a terra, e o homem sobre ela Eu criei; Minhas mãos estenderam os céus, e todo o exército deles comandi" (45:11,12).

[3] Por isso um Homem era visto pelos profetas, como *Ezequiel*:

"...Acima da expansão como que em aparência de pedra safira, [havia] uma semelhança de trono, e acima da semelhança de trono, uma semelhança como a aparência de homem, acima, no alto" (1:26).

E ao ser visto por Daniel foi chamado "Filho do Homem" ou "Homem", o que é o mesmo:

"Vi, e eis, com as nuvens do céu, como um Filho do Homem que vinha, e chegou até o Ancião de dias; e fizeram-No aproximar-Se até Ele, e foi-Lhe dado o domínio, e a glória, e o reino. E todos os povos, e nações e línguas O servirão. O Seu domínio [será] um domínio eterno, que não passará, e o Seu reino, [um reino] que não perecerá" (Dan. 7:13,14).

[4] O Senhor também muitas vezes Se chama "Filho do Homem" ou "Homem"; e, como em *Daniel*, predisse Seu advento em glória:

"Verão o Filho do Homem vindo nas nuvens do céu com poder e glória" (Mt. 24:30);

as "nuvens do céu" são o sentido literal da Palavra; "poder e glória", o sentido interno da Palavra, o qual se refere unicamente ao Senhor e ao Seu reino, em todas e cada uma das coisas, sentido do qual vêm poder e glória.

50. As coisas que as pessoas da Igreja Antiquíssima entenderam por "imagem de Deus" são tantas que não podem ser descritas. O homem ignora inteiramente que ele é dirigido pelo Senhor por meio de anjos e espíritos, e que, com todo homem, há pelo menos dois espíritos e dois anjos. Pelos espíritos, faz-se a comunicação do homem com o mundo dos espíritos, e, pelos anjos, com o céu. Sem a comunicação do homem com o mundo dos espíritos pelos espíritos e com o céu pelos anjos, ele não poderia de maneira alguma viver. A sua vida depende inteiramente desta conjunção; pereceria num instante se os espíritos e anjos se retirassem.

[2] Enquanto não é regenerado, o homem é dirigido de modo diferente do que quando é regenerado. Quando não é regenerado, há nele espíritos maus que dominam sobre ele de tal modo que os anjos, ainda que presentes, quase nada podem fazer senão apenas conduzi-lo, para que não se precipite num mal extremo, e dirigi-lo para algum bem; e isto eles fazem mesmo pelas próprias cobiças dele, para dirigi-lo ao bem, e pelos enganos dos sentidos, para dirigi-lo ao vero. Então ele tem comunicação com o mundo dos espíritos pelos espíritos que nele estão, mas não tanto com o céu, porque os espíritos maus dominam e os anjos somente o desviam.

[3] Quando, porém, é regenerado, os anjos então dominam e lhe inspiram todas as coisas boas e verdadeiras, bem como o horror e temor pelos males e falsidades. É verdade que os anjos conduzem, mas somente administram, pois só o Senhor é Quem dirige o homem por meio dos anjos e espíritos. E, visto que isto se faz pelo ministério dos anjos, aqui se diz primeiro no plural: " façamos o homem à Nossa imagem". Mas porque é sempre o Senhor quem dirige e ordena, no versículo subsequente se diz no singular: "criou-o Deus à Sua imagem". É o que o Senhor diz claramente também em *Isaías*:

"Assim disse JEHOVAH, Redentor teu e Formador teu desde o útero: Eu, JEHOVAH, faço todas as coisas, estendo os céus só, expando a terra por Mim mesmo" (44:24).

Os próprios anjos confessam que nenhum poder há neles, mas que agem só pelo Senhor.

51. No que se refere à "imagem", ela não é semelhança, mas "segundo a semelhança", pelo que é dito: " façamos o homem à Nossa imagem, segundo a Nossa semelhança". O homem espiritual é "imagem", mas o homem celeste é "semelhança" ou efígie. Neste capítulo se trata do homem espiritual e no seguinte do celeste. O homem espiritual, que é a imagem, é chamado pelo Senhor de "filho da luz", como em *João*:

"Quem anda nas trevas não sabe para onde vai; enquanto tendes luz, crede na luz, para que filhos da luz sejais" (12:35,36).

Também é chamado "amigo":

"Vós sois Meus amigos se fizerdes tudo o que Eu vos mando" (Jo. 15:14,15).

Mas o homem celeste, que é a "semelhança", é chamado "filho de Deus" em *João (1:12,13)*:

"A todos os que receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que crêem em Seu nome, que nasceram não dos sangues [sanguinibus], nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus".

52. Enquanto o homem é espiritual, o seu domínio procede do homem externo para o interno, assim como se diz aqui: "dominarão sobre os peixes do mar, e sobre a ave dos céus, e sobre a besta, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que rasteja sobre a terra". Quando, porém, se torna celeste e age pelo bem do amor, então o domínio procede do homem interno para o externo, como o Senhor descreve a Si mesmo e assim, ao mesmo tempo, descreve o homem celeste que é a Sua semelhança, em David:

"Fizeste-O dominar sobre as obras de Tuas mãos, todas as coisas puseste sob os Seus pés, o rebanho e toda a manada, e também as bestas dos campos, e a ave dos céus, e os peixes do mar, o que passa pelas veredas dos mares" (Sal. 8:6-8)

Por isso, aqui se diz, primeiro, "bestas", em seguida "aves", depois "peixes do mar", porque o homem celeste procede do amor que é da vontade. É diferente, porém, com o homem espiritual, em quem precedem os "peixes" e as "aves", que pertencem ao entendimento que é da fé, e em seguida vêm as "bestas".

53. Vers. 27: *"E criou Deus o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou".* Aqui se diz duas vezes "imagem"; isto é porque a fé, que é do entendimento, é chamada "Sua imagem", porém o amor, que é da vontade, é chamado "imagem de Deus", que no homem espiritual vem depois mas no homem celeste vem antes.

54. *"Macho e fêmea os criou".* O que se entende por "macho e fêmea" no sentido interno, foi coisa bem conhecida pela Igreja Antiquíssima. Todavia, foi o contrário com os seus descendentes, quando pereceu o sentido interior da Palavra e também este arcano. Os casamentos eram as suas maiores felicidades e delícias, e comparavam aos casamentos todas as coisas que a eles podiam ser comparadas, para daí perceberem a felicidade do casamento. E, como eram homens internos, deleitavam-se somente nos internos; viam as coisas externas somente com os olhos, mas pensavam sobre as coisas que elas representavam, a fim de que as coisas externas nada fossem, mas apenas algo pelo qual pudessem refletir sobre as internas, das internas sobre as celestes e, assim, sobre o Senhor, que era tudo para eles, e, por consequência, sobre o casamento celeste, do qual percebiam vir a felicidade dos seus casamentos. Por isso chamavam "macho" o entendimento no homem espiritual, e "fêmea" a vontade; e quando estas duas faculdades agiam como uma diziam haver o casamento. Dessa Igreja veio a forma que se tornou habitual de chamar a Igreja mesma, por causa da afeição do bem, de "filha" e "virgem", como "virgem de Sião", "virgem de Jerusalém" e também "esposa". Mas, sobre este assunto, vide o capítulo seguinte, versículo 23, e o capítulo 3, versículo 15.

55. Vers. 28: *"E os abençoou Deus, e disse-lhes Deus: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e subjugai-a. E dominai sobre os peixes no mar, e sobre a ave dos céus, e sobre todo [ser] vivo que rasteja sobre a terra".* Como os antiquíssimos chamavam a conjunção do entendimento e da vontade, ou da fé e do amor, "casamento", tudo o que este casamento produzia de bem eles chamavam "frutificações", e tudo o que produzia de vero, "multiplicações". Daí, ocorre de modo semelhante nos Profetas, como em *Ezequiel*:

"Multiplicarei sobre vós o homem e a besta, e eles se multiplicarão e frutificarão, e vos farei habitar conforme as antigüidades vossas, e vos farei mais bem do que em vossos princípios, e conhecereis que Eu [sou] JEHOVAH; e farei andar sobre vós o homem, povo Meu, Israel" (36:8-11);

por "homem" entende-se aqui o homem espiritual, que é também chamado "Israel"; pelas "antigüidades" entende-se a Igreja Antiquíssima; pelos "princípios", a Igreja Antiga de após o dilúvio; o fato de vir antes a "multiplicação", que é do vero, e depois seguir a "frutificação", que é do bem, é porque se trata daquele que deve ser regenerado, não do que já foi regenerado.

[2] Quando o entendimento é unido à vontade, ou a fé ao amor, o homem é chamado pelo Senhor de "terra casada", como em *Isaías*:

"Não se dirá mais à tua terra: Devastada; mas tu serás chamado: Meu beneplácito nela, e a tua terra: Casada, porque JEHOVAH se agrada de ti, e tua terra será casada" (62:4).

Por conseguinte, os frutos que pertencem ao vero são chamados "filhos", e os frutos que pertencem ao bem são chamados "filhas", e isto muito freqüentemente na Palavra.

[3] A terra está "cheia" quando há muitos veros e bens. Com efeito, quando o Senhor abençoa e diz, isto é, quando Ele opera, o bem e o vero crescem imensamente, como Ele diz:

"O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, tendo tomado, semeou em seu campo; ele é, na verdade, a menor de todas as sementes, mas quando cresce é a maior de todas as hortaliças e se torna árvore, de sorte que vêm as aves do céu e se aninham em seus ramos" (Mt. 13:31,32).

O "grão de mostarda" é o bem do homem antes de ser espiritual, que é "a menor de todas as sementes" porque o homem pensa que faz o bem por si mesmo. O que ele faz por si mesmo nada é senão o mal; mas, como está em estado de regeneração, há algum bem, mas é o menor de todos. Quando, enfim, a fé se conjuga ao amor, torna-se maior, e "hortaliça". Finalmente, quando é conjunta, torna-se "árvore" e, então, "as aves dos céus", que, aqui também, são os veros ou as coisas do entendimento, "aninham-se" em "seus ramos", que são os conhecimentos. Quando o homem é espiritual, do mesmo modo que quando se torna espiritual, ele está em combate, e por isso se diz "subjugai a terra", e "dominai".

56. Vers. 29: *"E disse Deus: Eis, dou-vos toda erva dando semente, que está sobre as faces de toda a terra, e toda árvore na qual [há] fruto; a árvore que produz semente vos será para comida".* O homem celeste se deleita unicamente com as coisas celestes que, como convêm à sua vida, são chamadas "comidas celestes". O homem espiritual se deleita com as coisas espirituais que, como convêm à sua vida, são chamadas "comidas espirituais". O homem natural, semelhantemente, se deleita com as coisas naturais que, como são de sua vida, são chamadas "comidas" e são, em primeiro lugar, os conhecimentos. Aqui, como se trata do homem espiritual, suas comidas espirituais são descritas por representativos: as espirituais pela "erva dando semente" e pela "árvore na qual [há] fruto", que, em geral, se chama "árvore que produz semente". As suas comidas naturais são descritas no versículo seguinte.

57. A "erva dando semente" é todo vero que se refere a um uso. A "árvore na qual [há] fruto" é o bem da fé. O "fruto" é o que o Senhor dá ao homem celeste, mas a "semente", da qual vem o fruto, é o que Ele dá ao homem espiritual. Por isso se diz: "a árvore que produz semente vos será para comida". Que a comida celeste se chame "fruto da árvore", vê-se pelo capítulo seguinte, onde se trata do homem celeste. Aqui se relatará somente o que o Senhor falou por meio de *Ezequiel*:

"Junto ao rio eleva-se, sobre a sua margem, aquém e além, toda árvore de comida; a sua folha não cairá e não será consumido o seu fruto; em seus meses renasce, porque as suas águas saem do santuário; e seu fruto será para comida, e sua folha para remédio" (47:12).

As "águas que saem do santuário" significam a vida e a misericórdia do Senhor, que é o "Santuário"; o "fruto", a sabedoria, que lhes serve de comida; a "folha" é a inteligência, que para eles existe por causa do uso e é chamada "remédio". Que, porém, a comida espiritual seja chamada "erva", é dito por David:

"...Meu Pastor, nada me faltará; em pastos de erva [Tu] me fazes deitar" (Sal. 23:1,2).

58. Vers. 30: *"E a toda fera da terra, e a toda ave dos céus, e a tudo o que rasteja sobre a terra, em que [há] alma vivente, [dou] todo verde da erva, para alimento. E, assim, foi feito".* Aqui é descrita a comida natural deste mesmo homem. O seu natural é aqui significado pela "fera da terra" e pela "ave dos céus" aos quais foram dados a hortaliça e o verde da erva para alimento. De uma e de outra comida, tanto da natural como da espiritual, assim se diz em David:

"JEHOVAH faz germinar a grama para a besta e a erva para o serviço do homem, para fazer sair pão da terra" (Sal. 104: 14),

onde a "besta" está em lugar da fera da terra e da ave dos céus ao mesmo tempo, sendo ambas nomeadas ali nos vers. 11 e 12.

59. Que somente o verde da erva e a hortaliça sejam aqui o alimento do homem natural, o caso é este: quando o homem está sendo regenerado e se torna espiritual, está continuamente em combate; por isso a Igreja do Senhor é chamada "combatente". Pois antes as cobiças dominavam, porque o homem todo se compõe de meras cobiças e das falsidades daí provenientes. Quando está sendo regenerado, suas cobiças e falsidades não podem ser abolidas num só instante, pois isto seria destruir todo o homem, porquanto não adquiriu outra vida para si. Por isso é que os espíritos maus permanecem muito tempo com ele, para que excitem suas cobiças e, assim, elas sejam dissipadas por meios inumeráveis e, mesmo, para que possam ser conduzidas pelo Senhor para o bem e, assim, o homem possa ser reformado. No tempo do combate, os maus espíritos, que têm o maior ódio por tudo o que é bom e verdadeiro, isto é, tudo o que pertence ao amor e à fé no Senhor, que são unicamente os bens e veros porque estes têm em si a vida eterna, nenhum outro alimento deixam ao homem senão o que é comparado à hortaliça e ao verde da erva. Mas o Senhor lhe dá também a comida que é comparada à erva dando semente e à árvore na qual há fruto, as quais pertencem à tranqüilidade e à paz com suas alegrias e felicidades, e isto por intervalos.

[2] Se o Senhor não protegesse o homem a todo momento, mesmo o menor de todos, ele pereceria imediatamente, pois reina no mundo dos espíritos um ódio tão destruidor contra as coisas que são do amor e da fé no Senhor, que é impossível descrevê-lo. Posso asseverar com certeza que a coisa é assim, porque já há alguns anos tenho estado na outra vida com os espíritos, ainda que estivesse também no corpo, e fui cercado pelos maus, até pelos piores, e, algumas vezes, por milhares, aos quais foi permitido derramar os seus venenos e me infestar de todos os modos que pudessem. Contudo, não puderam fazer mal a um fio de cabelo sequer, tão protegido que fui pelo Senhor. Por tantos anos de experiência, fui instruído muito bem sobre o mundo dos espíritos, sua natureza e, também, sobre os combates que aqueles que estão sendo regenerados não podem deixar de sustentar para que alcancem a felicidade da vida eterna. Mas, como ninguém pode ser instruído por essa descrição geral de modo que tenha uma fé isenta de dúvida, os particulares sobre esses assuntos serão relatados na seqüência, pela Divina Misericórdia do Senhor.

60. Vers. 31: *"E viu Deus tudo o que fez, e eis, muito bom. E houve tarde, e houve manhã, o dia sexto"*. Aqui se diz "muito bom" e nos versículos anteriores somente "bom", porque agora as coisas que são da fé fazem um com as coisas que são do amor. Assim é feito o casamento entre as coisas espirituais e as celestes.

61. São chamadas espirituais todas as coisas que são das cognições da fé, e celestes todas as que são do amor ao Senhor e para com o próximo; estas pertencem à vontade e aquelas ao entendimento do homem.

62. Os tempos e os estados da regeneração do homem, em geral e em particular, se dividem em seis e se chamam os dias de sua criação, pois, gradualmente, de não-homem que era, ele se torna a princípio alguma coisa, mas pouca; depois, mais, até o sexto dia, em que se torna "imagem".

63. Durante esse tempo o Senhor combate continuamente por ele contra os males e falsos, e pelos combates o confirma no vero e no bem. O tempo do combate é o tempo da operação do Senhor; por isso o regenerado é chamado, nos Profetas, "obra dos dedos de Deus"; Ele não descansa antes de o amor tornar-se o principal; então cessa o combate. Quando a obra chega a ponto de a fé ser conjunta ao amor, é chamada "muito boa", porque, então, o Senhor o conduz como "semelhança" Sua. No fim do sexto dia, os maus espíritos se afastam e são substituídos pelos bons, e o homem é introduzido no Céu ou Paraíso celeste, do qual se tratará no capítulo seguinte.

64. Eis aqui, então, o sentido interno da Palavra, a sua vida mesma, que não se manifesta jamais pelo sentido da letra. Mas os arcanos são em tão grande número que volumes não bastariam para explicá-los. Aqui foram ditas somente umas pouquíssimas coisas, tais que possam confirmar que se trata da regeneração e esta procede do homem externo para o interno. Assim os anjos percebem a Palavra. Eles nada absolutamente sabem o que é da letra, nem mesmo um único vocábulo que tenha significado mais próximo, ainda menos os nomes das terras, das cidades, dos rios, das pessoas, que

ocorrem tantas vezes nos livros históricos e proféticos. Têm somente a idéia das coisas significadas pelos vocábulos e pelos nomes; por "Adam" no Paraíso percebem a Igreja Antiquíssima, não porém a Igreja, mas a fé da Igreja Antiquíssima no Senhor; por "Noach" [Noé], a Igreja remanescente com os descendentes até os tempos de Abraham; por "Abraham", não aquele que viveu, mas a fé salvífica que ele representou; e, assim, por diante. Desse modo, eles percebem as coisas espirituais e celestes inteiramente separadas dos vocábulos e dos nomes.

65. Quando eu lia a Palavra, alguns espíritos foram elevados à primeira entrada do Céu e dali falaram comigo. Diziam que não entendiam a mínima coisa de uma palavra ou de uma letra ali, mas somente as coisas que elas significavam no sentido interior mais próximo, as quais eles diziam ser tão belas, estar numa seqüência tão organizada e os tocar tanto que as chamavam "glória".

66. Quanto ao gênero, há quatro estilos na Palavra: o primeiro, o que foi da Igreja Antiquíssima. O modo de eles se expressarem era tal que, quando nomeavam coisas terrestres e mundanas, pensavam sobre as coisas espirituais e celestes que elas representavam. Por isso, não só se exprimiam por meio de representativos, mas também os compunham em uma espécie de série histórica, por assim dizer, para lhes dar mais vida, o que lhes era muito deleitável. É esse estilo que foi entendido quando Ana profetizou, dizendo:

"Falai o que é alto, alto; saia o que é antigo de vossa boca" (I Sam. 2:3).

Esses representativos se chamam, em David, "enigmas da antigüidade" (Sal. 78:2-4). É dos descendentes da Igreja Antiquíssima que Moisés obteve os relatos da Criação, desde o Jardim do Éden até os tempos de Abraham.

[2] O segundo estilo é o histórico, que está nos livros de Moisés - desde os tempos de Abraham e depois - e em *Josué, Juizes, Samuel e Reis*, nos quais os relatos históricos são absolutamente tais como estabelecidos no sentido da letra, não obstante todas e cada uma das coisas conterem coisas inteiramente diferentes no sentido interno, do que se tratará em sua ordem na seqüência, pela Divina Misericórdia do Senhor.

[3] O terceiro estilo é o profético, que nasceu do estilo da Igreja Antiquíssima, o qual eles muito veneravam. Mas esse não é contínuo nem está em aparência histórica como o dos antiquíssimos, mas é disperso, quase nunca inteligível exceto no sentido interno, onde profundos arcanos se acham dispostos seguindo uma ordem conexa e se referem ao homem externo e interno, aos vários estados da Igreja, ao Céu mesmo e, nos íntimos, ao Senhor.

[4] O quarto estilo é o dos Salmos de David, que é intermediário ao proféticos e à linguagem comum. Ali, sob a pessoa de David como rei, trata-se, no sentido interno, do Senhor.

Fim do Capítulo Primeiro